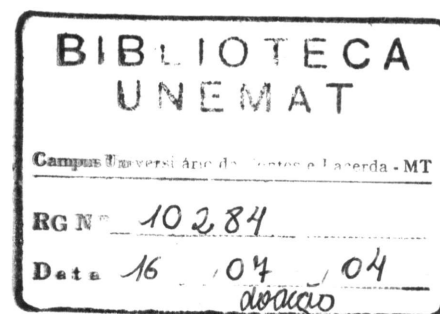


Estado de Mato Grosso
Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Andréia Rodrigues de Carvalho

*Um mundo imaginário: o procedimento de criação em “Paisagem” de
Lygia Bojunga Nunes*



Pontes e Lacerda

2004

Andréia Rodrigues de Carvalho

*Um mundo imaginário: o procedimento de criação em “Paisagem” de
Lygia Bojunga Nunes*

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentado ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduando em Letras.

Orientadora: Prof^a. Ms. Maria Inês Parolin Almeida

Pontes e Lacerda

2004

Este Ensaio Monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca
examinadora

Local e data da aprovação

*Dedico este trabalho à minha família, e em especial a
meu namorado que me mostrou a riqueza de
conhecimentos que obtemos com o hábito da leitura.*

Agradeço,

*A minhas amigas de sala, pela amizade conquistada,
pelo apoio na realização dos estudos e pelos bons
momentos de confidências.*

*A Profª Ms. Maria Inês Parolin Almeida por me
direcionar neste trabalho.*

LIVRO: a troca

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida.

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava um no outro e fazia telhado.

E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro.

De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar pras paredes). Primeiro, olhando, olhando desenhos; depois, decifrando palavras.

Fui crescendo; e derrubei telhados com a cabeça.

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas.

Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação.

Todo o dia a minha imaginação comia, comia e comia; e de barriga assim toda cheia, me levava pra morar no mundo inteiro: iglu, cabana, palácio, arranha-céu, era só escolher e pronto, o livro me dava.

Foi assim que, devagarinho, me habituei com essa troca tão gostosa que – no meu jeito de ver as coisas – é a troca da própria vida; quanto mais eu buscava no livro, mais ele me dava.

Mas como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cismeiei um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar.

(Lygia Bojunga Nune, 1990)

Resumo

Este ensaio monográfico propõe discernir categorias observadas na obra *Paisagem* (1996) de Lygia Bojunga Nunes, cujas foram abordadas por Umberto Eco em sua obra *Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção* (2001), em que desvenda o papel de cada uma delas: leitor – modelo, leitor – empírico, autor – modelo, autor – empírico e narrador.

Na obra em questão há uma fusão entre essas categorias, quando a narradora lança estratégias para projetar um leitor ideal para o seu texto, o leitor modelo, criando um personagem que é seu leitor, o Lourenço.

A narradora, posiciona-se como autora da obra, criando um efeito de confusão entre os papéis de narrador, autor empírico e autor modelo, pois a voz autoral de Lygia Bojunga Nunes estará sempre presente, falando pela narradora, levando o leitor empírico a pensar ser um relato de sua vida real. Sua escrita é registrada pela oralidade, um resgate do narrar da Idade Média, e sua narração em primeira pessoa, tudo para um contato mais direto com o seu leitor. Estas estratégias serão trilhadas e desvendadas desde o início até o término da narrativa.

As estratégias levarão o leitor ao ato de criar que a narradora procura apresentar. Com sua voz autoral apresentará a criação de uma obra literária, um processo que envolverá o autor, leitor e a própria obra, colocando o leitor em uma posição privilegiada, podendo ter uma participação importante na criação desta.

Em se tratando de obra destinada ao público infantil, cursaremos a trajetória dos personagens envolvidos com o objeto central dessa criação, a “paisagem”, que começa a ser traçada desde o título do texto. Ao final, a narradora ao deixar sua história sem desfecho esclarecido, abre a possibilidade para levar o leitor enxergar que está sendo tratado com igualdade, pois ela lhe confere uma responsabilidade maior de não apenas uma mera interpretação para os mistérios de sua história, mas de desvendamento e criação para o término da mesma.

Um mundo imaginário: o procedimento de criação em "Paisagem" de Lygia Bojunga Nunes

A obra *Paisagem*, de 1996 de Lygia Bojunga Nunes, faz parte de uma trilogia na qual a autora busca dialogar sobre a leitura na obra *Livro*, sobre a escrita em *Fazendo Ana Paz*, e *Paisagem*, que vem ser a fusão das duas primeiras partes, resultando no ato da criação de uma obra literária.

A autora nesta última obra procura encenar o ato de criar, de fazer literatura, lançando estratégias para projetar um leitor modelo, mostrando como funciona o papel do escritor e leitor perante a obra literária.

Encontraremos nesta obra, uma narradora que se faz de autora, confundindo as categorias entre narrador e autor.

Quando eu escrevi e interpretei o monólogo LIVRO, falando da minha vida de leitora e contando os 6 "casos de amor" que eu tive com obras literárias, eu estava longe de imaginar que comprido que ia ser o caminho que eu ia andar. (p.7).

Percebemos que existe um autor modelo coordenando a voz da narradora que procura fundir-se como autora da obra.

Eco em *Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção* (2001), desvenda as categorias de autor modelo, autor empírico, narrador, leitor modelo e leitor empírico. Ele dá especial atenção ao leitor, afirmando que numa história sempre há um leitor e esse leitor é um ingrediente fundamental, não só do processo de contar uma história, como também da própria história.

Ele faz uma distinção entre dois tipos de leitores: empírico e modelo. O leitor empírico é real, aquele que abre o livro e folheia; o leitor modelo é o idealizado pelo autor, no momento da composição textual, e ainda diz que:

O leitor modelo não só figura como interagente e colaborador do texto; muito mais – e, em certo sentido, menos – ele/ela nasce com o texto, sendo o sustentáculo de sua estratégia de interpretação. (Eco, p. 22)

Eco ainda fala das categorias de autores: empírico e modelo, dizendo que o autor modelo não é o autor empírico, é uma voz anônima, é quem dá voz ao narrador.

... o autor modelo é uma voz que nos fala afetuosamente (ou empiricamente, ou dissimuladamente), que nos quer a seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dadas passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como o leitor modelo. (Eco, p. 21)

Também comenta sobre o narrador que é a voz que convida a percorrer os caminhos do texto e muitas vezes contribui para certos esclarecimentos do mesmo, e deixa bem claro que cada categoria tem o seu papel numa obra literária.

O autor modelo que Eco constrói, pode apresentar-se numa narrativa de várias formas. Em alguns casos ele se manifesta de maneira explícita, tomando a palavra do narrador e falando diretamente com o leitor, em outros casos ele é quem sutilmente conversa com o leitor através do narrador.

A autora Lygia Bojunga Nunes articula níveis de escritura, diluindo os papéis do personagem e do narrador em permanente troca. Trata-se de um personagem que se coloca como autora, se apresentando no prólogo como Lygia Bojunga Nunes, mas no decorrer da narrativa ele não se identifica.

O enredo tecerá a questão da criação de um objeto, uma paisagem, apresentado por diferenciadas visões ao longo da obra. Não se sabe como e porque da coincidência desse objeto ser veiculado por diferentes personagens e pela narradora.

Temos como personagem principal Lourenço, um adolescente em seus 16 ou 17 anos de idade que mora no RJ, um leitor assíduo que troca cartas com sua escritora, a narradora, dizendo das afinidades que os unem.

A paisagem citada é um conto que a narradora vai construindo durante a narrativa em Londres, e Lourenço sonha com essa paisagem, e sua vizinha a Menina do Lado a desenha. Essa coincidência envolverá todos na história quando Lourenço ao tomar conhecimento, pede opiniões a seu pai o João e a sua namorada Renata.

A narradora se comporta com estranhamento ao saber dessa coincidência, procura por uma explicação, voltando ao seu texto e elucidando agora a continuação e possível desfecho da trama, reunindo todos os personagens na mesma paisagem, incluindo a si mesma.

Em *Paisagem*, temos um autor modelo que comanda a voz do narrador, e através dele leva o leitor a confundir as categorias de autor modelo, autor

empírico e narrador. Isso acontece quando o narrador se apresenta como Lygia Bojunga Nunes, autora empírica da obra.

Escrevi então o que eu chamei de “encontros com a escrita”, contando alguns episódios ligados à minha inclinação para escrever. Não levei essas narrativas pro palco: achei que elas tinham saído com cara de só gostar de morar em livro. Foram publicadas, junto com o monólogo-da-leitora num volume chamado “LIVRO, um encontro com Lygia Bojunga Nunes”. (p. 7).

A narradora se posiciona como a autora empírica, levando o leitor a acreditar ser um relato de sua vida real.

Ao denominar-se autora empírica, a narradora mistura à voz autoral da autora e nos relata uma experiência de criação tida com Lourenço, seu leitor. Ao criar esse personagem e ao incorporar uma escritora, ela tem a oportunidade de falar diretamente com ele, acontece então um processo de escrita muito interessante dentro da história: escritor confidenciando sua escrita e leitor opinando para o melhoramento da mesma, é que assim ela procura projetar seu próprio leitor. *“Foi pensando nisso que – numa das paradas que eu dei no meu percurso com a Ana Paz – eu comecei a trabalhar um personagem chamado Lourenço”. (p. 8).*

Temos uma narradora que aos comandos do autor modelo, procura selecionar um tipo de leitor para a sua obra, esse leitor que ela projeta será o leitor modelo.

Ainda Eco diz, (p. 30), se temos um autor modelo teremos um leitor modelo, pois ambos traçam uma harmonia textual, são entidades que se tornam claras uma para a outra somente no decorrer da leitura, de modo que uma cria a outra. Na obra esse leitor modelo está explícito, ele foi transformado em personagem para que o leitor empírico possa identificá-lo.

O autor modelo está figurado no texto, pois é ele que possibilita a entrada do leitor modelo, transformando-o no próprio personagem, colocando-o em uma posição de privilégio para que possa expor seus sentimentos enquanto leitor.

Sou teu Leitor. Estou escrevendo Leitor com letra maiúscula de propósito: acho que ser Leitor é uma ocupação maior, e acho também que se um Leitor se liga numa escritas do jeito que eu me liguei nos teus livros é porque existe uma coisa chamada afinidade, é ou não é? (p. 9, 10).

Lourenço no decorrer da narrativa faz confissões alegando ser um “Leitor” com letra maiúscula, e através dele, a narradora mostra qual é o tipo de leitor que almeja ter para suas histórias, e com isso coloca-o em uma posição privilegiada, mostrando que ser leitor é ter uma grande importância para a construção da narrativa, e para confirmar suas declarações, encena um envolvimento com seu personagem.

Foi no ano passado que um tal de Lourenço me escreveu contando que morava no Rio, todo mundo reclamava do Rio, ele sabia que o Rio estava lotado de barulho e de problema, mas paciência: ele amava o Rio. (p. 9).

Ele é trabalhado para servir de espelho com que o leitor modelo, ao vislumbrá-lo na narrativa, logo se identificará como um modelo a seguir, por suas ações, pensamentos e comportamento.

E aí, em duas páginas de letra apertada, o Lourenço foi empilhando palpite pra melhorar tudo que ele achava ruim em cada livro que eu tinha escrito.

Gostei. Sempre tive mania de curtir um livro, uma pessoa, uma casa, achando que devia ser tudo resolvido diferente lá dentro. Pelo jeito esse tal Lourenço era igualzinho. (p. 10).

Ele traça um elo com sua escritora, buscando conhecê-la melhor, para poder descobrir seu jeito de viver, e seu jeito de escrever.

Prezada alma afim, já que agora a gente se conhece eu queria fazer um monte de perguntas, mas pra não ficar parecendo que eu não sago esse negócio de privacidade eu só vou te fazer duas perguntinhas mínimas: de que jeito você vive? de que jeito você escreve? E pedia respostas urgente. (p. 10).

A narradora resgata seu personagem da “realidade”, tirando-o do anonimato e introduzindo-o num mundo ficcional, transformando sua história literária em um tipo de figuração do real, e Lourenço é um leitor fictício que se confunde com o leitor modelo, o qual a narradora procura projetar.

A princípio Lourenço é tido como leitor empírico, que segundo Marisa Lajolo (1998, 17) é o destinatário virtual de toda criação literária, e também direta ou indiretamente introjetado na obra que a ele se dirige. Assim, nomeado ou

anônimo, converte-se em texto, tomando a feição de um sujeito com o qual se estabelece um diálogo, latente mas necessário.

O Lourenço não ligou a minimeza da minha resposta; escreveu logo outra carta dizendo que tinha mostrado o meu bilhete pro João, mas que o João só tinha dito pois é, e que o João era um sujeito horrível de tão fechado. É claro que eu gosto um monte do João, só que eu acho que o João devia ser um cara diferente, pô, era só poder fazer o João (que nem você faz personagem) que eu fazia um João risonho, aberto, falando pelos cotovelos;... (p. 10).

Lourenço é resgatado do anonimato, transformado em leitor fictício e projetado a ser um leitor modelo, pois a narradora lhe emprega um poder para que defina a orientação de sua narrativa.

Acontece então um jogo de troca de posições, em que personagem vira leitor e leitor é transformado em personagem, levando-o a uma nova experiência para sua própria vivência de leitura.

Podemos perceber que quando Lourenço se declara “Leitor” com letra maiúscula ele quer afirmar não ser qualquer leitor, mas um leitor que realmente mergulha no texto participando de todos os acontecimentos, seguindo as instruções e regras propostas pelo escritor. Ele mostra que ser um leitor é acreditar em uma obra fictícia, ou seja, é ler por prazer, é também reconhecer e identificar o jeito do escritor escrever.

O leitor modelo irá constatar pelas declarações de Lourenço que ser leitor é “*uma ocupação maior*”, não é para qualquer um e se sentirá privilegiado ao se identificar com o menino. Com tudo isso ele vai se descobrir ao refletir mais em sua importância para com a escrita, leitura, e sobre a própria literatura, e verificar no decorrer desta narrativa que ele é o foco principal que a narradora deseja atingir.

Lourenço é o leitor modelo projetado na obra, que segundo Eco é o sujeito colaborador para um texto, que não só faz sua interpretação mas cria e aceita as estratégias que estão expostas na história, ele será uma espécie de tipo ideal que o texto prevê como colaborador, e ele é um personagem fictício que se enquadra perfeitamente nessa visão.

Ao enfatizar seu ofício maior, ser Leitor, revela que através da leitura pode melhor entender o resto do mundo, é como se a literatura tivesse respostas para os seus problemas e através dela pudesse enxergar mais seu mundo empírico, seus

conflitos interiores, sendo melhor também em todas as outras coisas que faz. A literatura funciona para ele como um mundo ficcional tratando dos problemas do mundo empírico, uma mistura das categorias. Ele expressa-se com tal simplicidade e naturalidade que leva o leitor a enveredar por uma complexa trama, participando, emocionando até o final do texto.

Eu sou um Leitor pra escritor nenhum botar defeito, tá entendendo? eu acho até que ser Leitor é a coisa que eu sei ser melhor na vida..., mas você sabe, não é Renata, quer dizer, pensando bem, eu acho que você não sabe, você não é uma Leitora e, pera aí, pera aí! Não precisa me olhar desse jeito..., eu sei que você gosta de livro que tem guru no meio, essa coisa todinha, mas quando eu falo de Leitor eu tô querendo falar é de Li-te-ra-tu-ra,... (p. 34, 35).

Para Orlandi (1988, p. 43, ss), o sujeito leitor ao longo da história, traçou uma relação com a linguagem, há um aspecto de que todo leitor tem sua história de leitura e sua compreensibilidade específica, na qual poderá ter sua própria compreensão de texto, aí temos o aspecto previsível de leitura que é o limite mínimo que se espera que seja compreendido. Mas em contratempo, ela comenta da imprevisibilidade, que tratará da capacidade de produção indevidamente ao texto, ou seja, aquilo que ultrapassa o que se pode compreender, isso resultará no efeito-leitor de que Orlandi trata, um leitor projetado pelo texto, um sujeito que tem a capacidade de livre determinação dos sentidos da leitura, ele pode atribuir e construir seus próprios sentidos, diferenciando-se do leitor implícito, que se enquadra no aspecto previsível, que apenas captaria o que já está previsto na leitura.

Nesse sentido, Luiza Lobo (p. 240), ao falar da categoria do leitor implícito coloca-o como um leitor virtual, que perante um texto não possui grande visão para uma articulação com essa prática, apenas uma decodificação para as já previstas interpretações.

Lourenço é um personagem fictício, projetado pelo texto, que mostra sua história de leitura e envolvimento com a literatura, um leitor que se iguala ao leitor modelo tratado por Eco e também ao efeito-leitor construído por Orlandi, vão além do simples papel do leitor implícito, seu comportamento perante a leitura é de desvendamento do possível e impossível, ele se envolve totalmente com a escrita e a ficção, vivendo a magia e encantamento do mundo da linguagem.

A narradora procura ser minuciosa em todas as nuances sobre o personagem, apresentando-o como um adolescente em seus 16 ou 17 anos de idade, que mora no R J com seus pais. Ela o descreve como uma pessoa normal com todos problemas e dificuldades reais, tentando através dele enquanto estratégia aproximar-se de seu leitor empírico.

...ele sabia que o Rio estava lotado de barulho e de problema, mas paciência ele amava o Rio. Dizia que ele não podia reclamar do barulho: morava numa ladeira calma no bairro de Santa Teresa, você conhece Santa Teresa?, e me contava que o bairro era um pedaço do velho Rio, um morro de onde se via a cidade espalhada lá embaixo, sabia que aqui ainda tem bonde?

Mas sem ponto, sem nem ponto e vírgula, o Lourenço passava do bairro pra família e me informava que eles eram quatro, pai, mãe e um irmão. Não contava nada da mãe, dizia que o irmão é um cara legal, mas a gente não tem um troço que eu acho superimportante: a-fi-ni-da-de. Em compensação eu tenho um bocado de afinidade com o meu pai. (p. 9).

Ao encenar uma vida real colocando Lourenço como seu leitor assíduo tendo uma vida normal, a narradora o figura como leitor modelo de seus textos.

... foi só olhar pro desenho que eu achei aquela paisagem com cara de ter sido escrita por você, aí é que está, quando eu digo, eu sou Leitor de fulano, isso quer dizer que eu conheço o fulano... (p. 50).

Essa estratégia sugere que a história seja um relato de sua vida real de escritora, confundindo tanto as categorias de autor e narrador, quanto o personagem com o leitor, misturando assim o real com o ficcional.

Através de Lourenço a narradora nos passa o processo de composição de um leitor, quando se acredita numa obra fictícia, viajando no clima fantástico com seus enigmas onde o leitor se envolve em postura não mais de identificação tão somente, mas de desvendamento.

No processo de como ser um leitor, Lourenço realmente é um espelho, como dito antes, que foi modelado para projetar a imagem do leitor modelo, pois sempre está disposto a seguir as regras da história, sorrir ou chorar quando for preciso, interferir nas narrativas também, é alguém que está ansioso por jogar, sempre atento às regras do jogo interpretativo.

...essa coisa de escritor criar um personagem e fazer a gente acreditar nele feito coisa que toda a vida a gente conheceu o cara, ou a cara, Literatura é fazer esse personagem inventado virar um espelho pra gente, é fazer a gente ficar puto da vida se o personagem faz um troço que a gente acha besteira, mas em compensação é fazer a gente entrar numa boa se ele faz um troço que a gente também quer fazer,... (p. 35).

Esta citação comprova o comportamento de Lourenço perante a escrita, o escritor e a literatura, pois ele é um leitor assíduo e convicto de seu papel, sabe se portar como tal, conhece perfeitamente o mundo fictício e viaja como se deve aos níveis e enigmas da escrita. Tem afinidades com o jeito de seu escritor escrever, reconhece suas escritas, ele não apenas interpreta o que já está previsto na leitura, ele cria, desvenda todos os mistérios possíveis e impossíveis do mundo da fantasia.

Através da projeção de Lourenço a narradora confere ao seu leitor toda uma maturidade e autoridade para que ele possa interferir em sua escrita. Ela cria uma verdadeira parceria, mostrando que o seu leitor está preparado e é capaz e maduro para absorver suas idéias e confissões, mostra que tem potencialidade enquanto leitor para sugerir novos contornos para o texto, pois é assim que ela deseja que seu leitor modelo se comporte.

Foi andando por lá que de repente eu achei possível o Lourenço ter sonhado com uma paisagem tão parecida com a minha. Afinal de contas, se ele conhecia de cor o meu jeito de escrever e de criar personagem, e se ele também se ligava no mar, num barco, numa flor, por que não era possível uma "coincidência" assim? (p. 16)

Desculpa o mau jeito, viu, mas eu achei o final da tua história muito ruim. Só teve uma coisa que eu gostei: você levou o Monstrinho pra dentro do teu conto e só assim eu me liberei dela. (p. 58)

Resolvi ler Paisagem de novo, por que será que o final do meu conto tinha batido tão mal no Lourenço? (p. 63)

Lourenço afirma que é o leitor que propaga a literatura, as obras de um escritor (... *foi só aí que eu saquei que não é resenha, não é publicidade, não é nada disso que espalha o que um escritor escreve, é a gente, Leitor, a gente espalha até sem querer,... (p.52)*), é ele que mostra o valor que tem a literatura.

Lajolo (1998, 18), ao comentar a história da leitura, aborda a formação do leitor brasileiro, citando vários escritores e colocando a forma como eles conduziam a narrativa e o leitor. Como por exemplo Manuel Antônio de Almeida em 1854 – 1855, quando lançou o texto em livro, tratava o leitor como um ser frágil e despreparado, conduzindo-o pela mão, como se o caminho a percorrer

fosse muito difícil. Por muito tempo o leitor foi tratado com inferioridade, quem veio empregar maturidade a ele foi Graciliano Ramos em 1934, não diminuindo-o e nem desprezando-o.

Em “Paisagem”, como diz Lajolo (p. 57), o leitor não é mais tutelado, nem mais parceiro menor a ser seduzido, mas agora efetivamente cúmplice, pois ele prossegue seu périplo de aprendizagem. A autora Lygia Bojunga Nunes trata o seu leitor com igualdade, coloca-o como um ser responsável à dar novos contornos à sua narrativa. Ela tece uma parceria entre leitor e narrador, lançando estratégias complexas a serem desvendadas, pois tem a certeza que o seu leitor é perspicaz para a sua narrativa.

No prólogo, por exemplo, a narradora apresenta-se de forma simples e natural, como que contando uma história, fala de sua experiência como escritora e da publicação de suas obras, e registra isso em primeira pessoa, aproximando-se de seu leitor.

A narradora procura dialogar com seu personagem - que ao mesmo tempo é seu leitor - sobre questões que emergem do processo de criação, sendo o lugar do autor, e recriação - lugar do leitor - em uma obra literária.

Depois das primeiras apresentações de LIVRO pelo Brasil eu comecei a achar que fazendo a outra metade da laranja, isto é, me posicionando também como escritora, a representação do meu envolvimento com livros ia ficar mais redonda, e com isso eu quero dizer, mais integrada... (p.7).

Com isso, há um jogo entre o real e o imaginário, figurado numa mistura entre a voz autoral de Lygia Bojunga e a narradora.

A princípio Lygia Bojunga Nunes com sua voz autoral, utiliza-se da narradora e fala de sua obra *Livro*, em que tratou sobre a leitura, falando de sua vida de leitora dando início a uma trilogia; depois sua outra obra *Fazendo Ana Paz*, em que tece questões sobre a escrita, sua inclinação para escrever; e por último *Paisagem*, tratando da própria obra literária e fechando esse ciclo envolvendo a leitura e a escrita, resultando nessa trilogia voltada para o processo de criação.

Com a criação de sua trilogia literária, a narradora expõe sua fascinação pelo ato de ler e escrever, que expressa o desejo de pensar e viver essas práticas e fazê-las como um instrumento de socialização dos indivíduos, e por último, ela

apresenta a criação de uma obra literária, o objeto que contém esse mundo maravilhoso.

... o que eu queria pra fazer a minha fala de livro ficar mais redonda era três pedaços da laranja; se no primeiro eu tinha falado da leitura e no segundo da escrita, agora eu queria, nessa terceira parte, misturar uma com a outra. Foi dessa mistura que saiu "Paisagem", e o caminho tão comprido que eu acabei andando resultou numa pequena trilogia-do-livro. (p. 8).

Ao mostrar a criação do texto literário, a narradora coloca-o como a própria **Paisagem**, que gira em torno das figuras que estão relacionadas entre si, para a construção da Literatura, envolvendo o autor, leitor e a obra: o autor quando a voz autoral de Lygia Bojunga fala pela narradora da criação de seu conto que contém a paisagem; o leitor, quando Lourenço conta seu sonho de uma paisagem; e a obra, é quando o desenho é apresentado na cartolina, assim temos o procedimento da criação de uma obra literária.

A necessidade de falar mais dramaticamente do ato de escrever me fez continuar nesse caminho e levantar uma personagem Ana Paz. O percurso que eu fiz com a Ana Paz foi difícil, eu não enxergava bem o caminho, tropecei e parei muitas vezes, mas me levou a um livro que eu chamei "Fazendo Ana Paz". (p. 7).

Esse contato direto é muito interessante, é como se ela estivesse desabafando suas angústias, chamando a atenção de seu leitor para uma conversa amigável, "olha estou te dizendo que muitas vezes escrever pra você fica bem complicado", e traça esse "eu" escritor durante toda a narrativa.

A narradora vai contando sua experiência com Lourenço.

E o Lourenço foi me contando que o livro X era o preferido dele, só que o final é muito ruim, você não soube acabar a história; mas em compensação o final do livro Y foi muito bem encaminhado, só é pena que não dá pra gente acreditar no personagem, mas em compensação no teu último livro, que eu também gosto muito, a idéia é ótima e a gente acredita tintim por tintim de cada personagem, só que à última hora a história acabou ficando mal resolvida... (p. 10).

Sua escrita é tão espontânea que leva o leitor a fantasiar-se com a história, é como se realmente ela estivesse em contato com o Lourenço.

E a narradora, através de Lourenço, vai compondo o leitor modelo desejado para o texto, através de suas cartas seu jeito de escrever sem nem ponto e vírgula, tudo apertadinho e amontoado, suas qualidades e defeitos, fala do seu pai João e da mãe, fala da namorada Renata e de sua irmã a Menina do Lado, dos problemas do Rio de Janeiro, suas vantagens e desvantagens. Ela sabe usar tão bem as palavras e o jeito de colocá-las na narrativa que ao apresentar seus personagens com muita naturalidade, traça um jogo entre o real e o imaginário, fazendo com que o leitor empírico viaje nas suas escritas.

E pelo Lourenço ela vai fazendo uso dessa estratégia.

... o João só tinha dito pois é, e que o João era um sujeito horrível de tão fechado. É claro que eu gosto um monte do João, só que eu acho que o João devia ser um cara diferente, pô, era só poder fazer o João (que nem você faz personagem) que eu fazia um João risonho, aberto, falando pelos cotovelos, igualzinho à minha mãe; só que em compensação eu não tenho nenhuma afinidade com a minha mãe, mas me diz uma coisa, me deu a impressão que você não gosta de escrever carta, é só impressão ou é fato consumado? (p. 10).

Tudo nos é mostrado como um mundo normal em que com o ato de falar em primeira pessoa muitas vezes se esquece de que é uma obra fictícia, e nos envolvemos como em um mundo empírico.

Com a fusão entre real e fantasia a narradora leva o leitor modelo à sua curiosidade e capacidade imaginativa, tornando a leitura um exercício cercado de alegria e prazer.

O registro de oralidade também aparece como estratégia na obra, pois ao fugir das formalidades tradicionais dos discursos literários, a narradora escreve como em um diálogo, um bate-papo informal.

A resposta chegou logo. Animadíssima. Voei pela animação do Lourenço, peguei uma frase aqui outra ali,... adorei você me falar um pouco do teu novo livro... quer dizer que eu estava certo, não é?... (p. 18).

Lourenço ao se comunicar via cartas com sua escritora, protagoniza uma situação de oralidade com expressões do dia-a-dia, “*Lá pelas tantas vi uma seta desse tamanhinho apontando o canto da folha... (p. 18)*”. Ao tentar escrever como se fala a narradora usa diminutivos como “*tamanhinho*”, “*minimeza*”,

“jardinzinho”, para dar a impressão de estar fazendo as ações acontecerem e poder transformar as palavras em imagens.

São muitos recursos de oralidade que a narradora faz uso... *ele acha que se você já começou a me fazer perguntas quem sabe é porque você tá tomando o gosto de escrever carta... patati... patatá...* (p.17), ou mesmo repetições de palavras em um mesmo parágrafo sem necessidade.

O registro de oralidade é, portanto uma dinâmica em que a narradora vira contadora e o leitor vira ouvinte de suas histórias. Ao contar sua própria experiência e equiparar-se com o seu leitor, ela não o poupa de nenhuma situação mais complexa, ao contrário, lhe confere maturidade para participar com igualdade em sua narrativa. Com essa atitude ela retoma o narrador da Idade Média que segundo Benjamin (1996), começou com os camponeses e marujos, um porque conhecia bem as tradições e histórias de seu país, outro por conhecer vários lugares diferentes em suas viagens, e com suas experiências contavam histórias em suas comunidades onde as crianças participavam de modo igualitário da vida adulta, não recebiam qualquer atenção particular e estavam sempre presentes a ouvir qualquer história em suas comunidades.

Ao resgatar a origem de narrar, a obra diferencia-se do romancista da Idade Moderna, que é um indivíduo isolado de sua criação, que conta a experiência de algum personagem fictício, e ao fazer uso da tradição oral, a narradora retira da sua experiência o que conta e com isso incorpora o que narra à experiência dos seus ouvintes, tornando a narrativa uma experiência empírica sua e de seus personagens ao fruir-se do mundo real.

A narradora procura contar sua história com maior naturalidade possível, assim melhor se gravará na memória de seu leitor e se assimilará a sua própria experiência e um dia até poderá contá-la a alguém.

O Lourenço não ligou a minimeza da minha resposta; escreveu logo outra carta dizendo que tinha mostrado o meu bilhete pro João, mas que o João só tinha dito pois é, e que o João era um sujeito horrível de tão fechado... (p. 10).

Por ter florescido num meio de artesão a narrativa oral é uma forma artesanal de comunicação, ela não procura informar ou relatar algo, ela já está na

vida do narrador, por isso que encontramos marcas do narrador na narrativa, como a mão do oleiro na argila do vaso de que fala Walter Benjamin (1996).

Então podemos afirmar que a narradora esculpiu sua narrativa para que seus vestígios ficassem presentes em sua história e ela faz isso ao relatar sua experiência com seu leitor Lourenço.

E o personagem Lourenço no decorrer da narrativa dispensa regras gramaticais, num falar informal, não fazendo uso de ponto e nem vírgula, ... *flor branca amarela vermelha e azul, mas tudo que é flor de repente parava e começava um areão que ia indo e ia indo e acabava lá no mar;*... (p. 11). Como diz a narradora ele escreve de forma apertada como quem querendo economizar papel e selo.

A narradora busca apresentar sua história no mesmo tom do viver para transmitir um tom de realidade. Oliveira (1998), fala que a “*oralidade é narrar no mesmo tom e compasso do viver – escrever -, de tal forma que não haja mais distância entre quem narra, o que narra e quem lê.*”. Isso é bem nítido no texto, que foi escrito no mais perfeito compasso do viver.

Eu posso abrir a porta do quarto e olhar pro João se eu quiser; eu posso pegar no João! Eu escuto o João o tempo todo, não é só quando ele toca clarinete não, eu escuto o João no banheiro, tomando chuveiro, escovando dente, o João existe! eu não tenho que ficar imaginando o João, feito eu fico imaginando o que que a Renata anda fazendo, feito eu fico imaginando como é que é a gente ter grana pr'alugar um quarto, pr'alugar um apartamento inteirinho! pra ir pra Londres!! pra ir pra Índia!!! tanto lugar pra ir e eu aqui pó. É por isso que o João ta me doendo mais que tudo, sacou? (p. 59).

Tentar registrar a escrita como se fala é um exercício de comunicação direta que a narradora usa para envolver seu leitor e instigá-lo à sua atenção para captar a realidade dentro da ficção.

Na fala de Lourenço podemos constatar também o uso da gíria, “... não, não é isso, eu sou um cara esclarecido pô...” é para classificá-lo como um adolescente, “...coisa que toda a vida a gente conheceu o cara, ou a cara, ...”, e torná-lo mais natural e real.

O enredo de *Paisagem* tece a questão sobre o ato de criar, e como ponto de referência há a paisagem mesmo, que ao longo da obra foi traçada por diferentes personagens, ou seja, um mesmo objeto é apresentado por formas diferentes e

sobre ele cada personagem expõe sua criatividade com o dom de criar, mas todos semelhantes em cada detalhe, formando um jogo entre a realidade e fantasia.

Assim, a narradora recebe cartas de seu leitor Lourenço, dizendo das afinidades que os unem, e em uma dessas cartas ele relata um sonho tido com uma paisagem.

...o que eu queria te contar é que essa noite eu sonhei com você, quer dizer, eu sonhei com uma paisagem, você não aparecia no sonho, mas o tempo todo eu tinha certeza que tudo que eu estava sonhando tinha sido escrito por você; era uma paisagem assim: tinha um campo de flor, flor branca amarela vermelha e azul, mas tudo que é flor de repente parava e começava um areão que ia indo e acabava lá no mar; tinha muita pedra nesse areão, às vezes era pedra sozinha, às vezes era um monte de pedra, as vezes tinham cara de ruína de antigamente; olhei pro lado e vi um pedaço duma casa feito da mesma pedra que tinha na areia, fiquei pensando se a casa estava sendo construída ou se ela era tão velha que já tinha perdido um pedaço; tinha sol no campo de flor, mas em compensação no areão não tinha...(p.11).

Essa paisagem é a mesma que a narradora incluiu em um de seus contos, ainda por publicar, guardado na gaveta, só de seu conhecimento.

Seu conto trata-se da história de um casal que tem um encontro nessa paisagem. Primeiro o Homem encontra a Mulher no metrô, apaixonam-se, mas ela some. Reencontram-se em um teatro, onde ela, após passar estranhamente da platéia ao palco desaparece, não sem antes entregar-lhe um bilhete com um endereço. Ao chegar lá, o Homem abre a porta e defronta-se com a paisagem, sua reação é uma sensação de medo, suspense e estranhamento.

Esse fato açula um estranhamento, levando a narradora a uma investigação dessa possível coincidência.

Comecei a examinar uma possibilidade atrás da outra. Quem sabe eu já tinha visto essa paisagem num lugar qualquer? uma gravura... uma pintura... Uma pintura que o Lourenço também tinha visto?... Quem sabe eu nunca mais tinha me lembrado dessa pintura, mas a lembrança dela tinha ficado lá no meu "sótão", e agora se intrometia na minha escrita...? Ou então, vai ver, a paisagem era parte de um livro que eu tinha lido? (ou de um filme que eu tinha visto?) Um livro da minha infância? da minha adolescência? Um livro que o Lourenço tinha lido também... e a paisagem tinha feito uma impressão funda nele... e agora ele sonhava com ela... será?... (p.15).

Ela levanta várias hipóteses para a tal coincidência e em busca de uma explicação relê a carta de Lourenço certificando-se das semelhanças para notificar se realmente estavam falando da mesma paisagem. E para sua surpresa era sim a mesma paisagem, idêntica em todos os detalhes.

Essa paisagem envolve todos os personagens, pois quando Lourenço é notificado que sua escritora escreveu essa paisagem, procura Renata sua namorada, seu pai João em busca de explicações.

... ah Renata, pera lá! eu não tô afirmando que ela fazia parte da mesma tribo, Lourenço, eu só tô dizendo pode ser, a única coisa que eu tô afirmando é que você dois freqüentaram o mesmo cenário, não sei se numa mesma vida ou em vidas diferentes, porque de uma coisa você pode estar certo, Lourenço, tudo que a gente vive numa outra vida deixa um rastro, uma lembrança,... (p.32).

A Menina do Lado irmã de Renata, assim é chamada por ser vizinha de Lourenço, ela é quem havia desenhado a paisagem em uma cartolina, e quando este desenho foi mostrado à narradora ela percebe que não é apenas o Lourenço envolvido, mas também essa menina, então são três pessoas que criaram este desenho com formas diferentes: A Menina do Lado desenha, Lourenço ao vê-lo sonha e a narradora o escreve em sua casa em Londres com todos os mesmos detalhes.

Acontece então várias intercalações do texto: primeiro a paisagem é desenhada, depois sonhada e o desenho é revivido em imagens, depois traduzido por palavras.

Com isso há uma fusão do mundo real e o mundo fictício. O mundo real na obra apresentado torna-se fictício quando a narradora reúne todos os seus personagens na mesma paisagem do conto que estava escrevendo, incluindo a si mesma, criando um efeito da própria literatura.

Ela não revela a tal coincidência, deixa para o seu leitor desvendar esse clima fantástico e enveredar nos enigmas da história. Mostra que ao lermos uma narrativa, e viajarmos por ela, acabamos por traduzi-la em imagens, cenas, movimentos, como em um caráter cinematográfico.

Lourenço deixa sua explicação para essa coincidência, pois como leitor ele conhece os traços de seu escritor e cria afinidades que o levam a identificar tudo que for relacionado a esse escritor. Ao ler para a Menina do Lado, ela também passou a configurar afinidades com o estilo da escritora, então criou uma paisagem que ao ser vista por ele, logo caracterizou-a com os traços de sua escritora e depois sonhou com a paisagem.

...Literatura é o jeito que um escritor descobre pra passar isso pra gente dum jeito que é só dele, e quando um dia a gente afina com o jeito dum escritor inventar, com o jeito que é o jeito dele escrever, nesse dia a gente vira Leitor dele e quer ler tudinho que o cara ou a cara escreveu, mas quando eu digo a gente eu tô falando de Leitor feito eu, Leitor de letra maiúscula, e aí, então, sabe Renata, a gente fica tão ligado nesse escritor que é capaz até de intuir o que ele vai escrever... (p.35).

Lourenço afirma que ele atribuiu a paisagem como de sua escritora porque ele é um “Leitor” com letra maiúscula, pois quando sonhou com essa paisagem, percebeu pelos traços e nuances que continham que só poderia ter sido escrito por ela.

Esse modelo narrativo oferece ao leitor a oportunidade de mostrar o seu posicionamento, sua forma de ler, pensar e o prazer ao se identificar com a obra de seu escritor.

Simulando uma forma simples de escrever, mas com uma estrutura e trama bem complexas, a narradora faz várias intercalações do texto com várias narrativas que ao final se interseccionam, colocando dentro da obra a própria ficção, fazendo o leitor pensar a ficção dentro da obra, diluindo os papéis dos personagens e o seu próprio.

Resolvi ler Paisagem de novo, porque será que o final do meu conto tinha batido tão mal no Lourenço?... de repente me deu a impressão que o barco estava se mexendo (indo? voltando?)... Vi que o barco estava vindo pra praia. E vi que tinha gente dentro... O passageiro é o Lourenço... chega perto, senta também no degrau e olha em volta.

- Eu já tinha gostado dessa paisagem no desenho e no sonho, mas assim, pessoalmente, eu ainda tô achando ela mais legal...

E só ouvir a voz do Lourenço que a Menina do Lado vem correndo pra janela;... Vem vindo do fundo da casa o som de um clarinete...

E a gente não fala mais nada só ouvindo o João tocar. (p.63, 64).

Essa trama complexa lança um desafio para o leitor empírico, fazendo-o assumir um papel de leitor modelo, colocando-o perante uma situação fictícia para pensar o real, para refletir sobre a sua importância de leitor e também sobre a própria literatura.

A literatura neste texto é tratada como uma obra de arte ao colocar a “paisagem” em várias situações. É como se um texto ao ser escrito, no ato de sua elaboração, as palavras fossem sendo desenhadas, e cada palavra fosse uma partícula do desenho e ao contato com o leitor esse desenho fosse sendo

interpretado por palavras e ganhando ações, movimentos, formando sentidos para uma possível interpretação e desvendamento.

Quando o Lourenço descreveu a minha paisagem usando letras, eu já tinha ficado meio tonta, imagina agora olhando pro desenho que mostrava cada detalhe, cada cor que eu tinha imaginado!

- Tá vendo só? Antes de ir morar no sonho do Lourenço tudo que você escreveu morava aqui. – Olhei pra Menina. Ela espichou o queixo pro desenho.

- Mas antes de morar nesse desenho... tudo morava na minha história...

- Como é que a paisagem saiu do meu caderno e veio parar no teu desenho se ninguém leu o que eu escrevi? (p. 41 e 42)

A narradora através da paisagem figura a própria literatura, mostra que esta nos dá margens a um horizonte de sabedorias, em um mundo repleto de conhecimentos. Para ela a literatura é uma arte que vai sendo modelada conforme a imensidão de seu artista, e a obra é o ateliê que guarda essa riqueza.

A paisagem montada em três aspectos, como dita antes, prova o que a narradora propõe enfocar na obra, a literatura como uma arte, uma forma de arte trabalhada com palavras, mas essas palavras conforme seu leitor figura-se um desenho ou mesmo uma imagem, de que poderá se transportar e participar das ações propostas.

A princípio o mundo e as pessoas da obra foram apresentados pela narradora como empíricos, e ao narrar sua história ela nos apresenta um conto que está escrevendo, e no desenvolver da narrativa seus personagens vão sugerindo opiniões para o término do mesmo. Através de seu envolvimento com seus personagens, essas pessoas supostamente reais, ao final da história tornam-se personagens fictícios ao introduzi-los em seu conto, fazendo assim fundir o real com o fictício, passando por um processo de transição.

A Menina do Lado que desenhou a paisagem na cartolina foi quem a inspirou para o primeiro final de seu conto.

Teve uma hora lá que eu olhei o que que o meu lápis riscava e achei que ele só estava brincando de empilhar risco.

Mas teve outra hora que eu prestei mais atenção no rabisco e vi que era uma arapuca que o lápis tinha armado. Meu pensamento entrou distraído lá dentro (justo quando estava pensando na Menina do Lado), e foi só o pensamento entrar que a porta da arapuca bateu e ele ficou lá preso. Foi assim que a Menina virou prisioneira da cilada que o meu lápis armou. E aí ele não soltou mais a Menina até ela dar um fim pra minha história. (p. 55, 56)

No início Lourenço é seu leitor modelo, apaixonado por suas escritas que através de cartas toma conhecimento de um conto seu por terminar, mas antes disso ele sonhou com a paisagem do conto. Como leitor assíduo ele pede a ela que termine logo o conto para poder ter acesso. Ao recebê-lo percebe que a Menina do Lado está presente no conto, mas ele não gosta do desfecho, então a narradora o muda, introduzindo Lourenço e também a si mesma na narrativa do conto.

O barco vem vindo. Uma onda pega ele e os dois aterrisam na areia. O passageiro é o Lourenço, vestido feito naquele dia, bermuda, camiseta amarela, tênis no pé. Me vê na porta e acena.

Levanto o meu braço também.

E feito coisa que não podia ser de outro jeito o Lourenço chega, senta também no degrau e olha em volta. (p. 64)

O João desde o início é levado a imaginar como sendo um dos principais personagens do seu conto. Quando Lourenço diz que seu pai é triste por causa de uma grande paixão que não deu certo, “- Foi de repente que o João ficou assim? – Aos poucos. Mas piorou mesmo depois de uma paixão que ele teve... - ... por uma mulher que ele nunca mais viu.” (p. 60), podemos interpretar essa fala, como o João sendo o Homem do conto vivendo um grande amor que também não deu certo. E no final da obra, quando a narradora leva seus personagens para o conto, o João não aparece, mas todos ouvem o cantar de seu clarinete. “*Vem vindo do fundo da casa o som de um clarinete... O olho do Lourenço larga o espanto, vai ficando brincalhão. E a gente não fala mais nada, só ouvindo o João tocar.*” (p.64)

A narradora mistura as categorias entre o real e o fictício. Ela faz esse jogo para mostrar ao seu leitor o poder que a Literatura tem. O que ela mostra é que ao lermos uma obra literária, podemos dar-nos o prazer de nos transportar para o mundo fictício da literatura, nos colocando no lugar dos personagens, vivendo uma experiência fictícia neste mundo fantástico, e através deste refletirmos sobre nossa vida real, onde podemos adquirir novos conhecimentos e com isso podermos enxergar melhor o mundo real e poder combater conflitos interiores não compreendidos, assim perceber o poder da literatura.

Zilberman (1987, p. 12, 13), coloca que a criança em sua vivência de mundo, seu mundo interior, existe um “espaço vazio”, ou seja, este espaço não é vazio porque ela ainda não viveu, mas porque não pode ordenar a vivência, então

ela necessitará de um suporte fora de si que lhe sirva de auxiliar. É aí que entra a Literatura para ordenar esses problemas de sua vida real.

A criança poderá se colocar no lugar dos personagens como em um faz-de-conta, e com isso a literatura preencherá este “espaço vazio” existente em sua vida, e assim compreenderá com sua ótica, seu mundo real.

A criança entende a história sem estes pressupostos [do adulto]. Sua compreensão da realidade, existência e vida não – ainda – se baseia em processos lingüísticos de comunicação, mas nas relações sociais, primárias e nas próprias atividades. As histórias infantis desempenham, pois, uma primeira forma de comunicação sistemática das relações da realidade, que aparecem à criança numa objetividade corrente. Ou, por outra: as histórias infantis são uma espécie de teoria especulativa além da atividade imediata social e individual da criança. (Zilberman, 1987, p.13).

A simulação do ato de criar veicula a sua proposta de apresentar a literatura como arte.

A narradora reinventa a realidade num processo de transformação: de um lado o real, do outro a invenção sobre o real, o cotidiano e a invenção do cotidiano, e a literatura por si mesma também é a invenção, um real transformado pela palavra. Ela coloca a vida e a ficção num só mundo, confundindo as pessoas com os personagens inventados, fazendo com que o leitor perceba a influência que uma obra literária pode causá-lo.

Temos nesta narrativa a descrição da realidade, uma abordagem sobre o cotidiano, ponto de partida para a criação do mundo fictício, foco principal da obra.

A narradora trabalha uma situação do ser e não-ser, real e irreal, um jogo que assume mais intensidade no ato da leitura ao longo da narrativa.

Ao conjugar o universo maravilhoso com o realismo cotidiano, a narradora deixa pontos abertos sem explicações, como por exemplo o personagem João, se realmente ele era o Homem do conto e se ao final ele estava presente no mesmo.

A paisagem também se torna um mistério, pois nem mesmo a narradora consegue entender tanta coincidência.

O final de seu conto é apresentado em uma praia, um lugar aberto, de novo uma paisagem, um horizonte que sugere possibilidades para várias leituras.

Vi que o barco estava vindo pra praia. E vi que tinha gente dentro. Fiquei um pouco alvoroçada, meio confusa, não sabia se corria pra beira do mar ou se sentava no degrau da porta da casa, esperando pra ver quem é que ia chegar. (p.64).

Ao reunir os seus personagens supostamente empíricos no final de seu conto, introduzindo-os num espaço aberto, em uma praia, com uma visão infinita, ela concretiza a figuração da obra literária e também de um leitor modelo para seu texto, convidando-o a participar ativamente de sua história, para desvendar essa mistura de mundos e concluí-la com sua própria imaginação, mostrando sua importância e valor.

O leitor ao contato com esta obra, no ato da leitura, vai se enveredar neste mundo imaginário colocando-se no lugar dos personagens, vivendo uma fantasia, atitude desejada pela narradora.

Esta narrativa ao apresentar o ato da criação de uma obra literária mostra também o ato de ler, tornando um exercício envolvente para quem se identifica com o personagem e entende e percebe o prazer de uma leitura questões que estão propostas na obra *Paisagem*.

Enfim, podemos perceber que a narradora dissemina no texto uma nova postura diante do leitor, tornando-o um ser primordial e não mais passivo e incapaz de interagir com o lido, pois seu texto o convida a manifestar sua potencialidade leitora.

Ela mostra que a obra só ganha vida quando é concretizada pela leitura, pois não possui existência própria e quem dará vida a ela será o leitor, aquele que sai da vida empírica e entra nas páginas ficcionais.

A representação do personagem leitor e o seu envolvimento com os livros de textos literários são um estímulo para que o leitor encontre através dessa experiência seu caminho possível para a sua própria vivência de leitura.

Parece possível, então afirmar que a criadora de Lourenço consegue atingir sua proposta de colocar o leitor sendo o centro principal do texto.

Referência Bibliográfica

NUNES, Lygia Bojunga. *Paisagem*. Agir, 3ª edição. Rio de Janeiro, 1996.

NUNES, Lygia Bojunga. *Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Agir, 2ª edição. Rio de Janeiro, 1990.

ECO, Umberto. *Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção*. Companhia das Letras, 5ª reimpressão. São Paulo, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica / Arte e Política*. Brasiliense, 7ª edição. São Paulo, 1994 – (Obras escolhidas; V. 1)

PALO, Maria José – OLIVEIRA, Maria Rosa D. *Literatura Infantil: voz de criança*. Ática, 3ª edição. São Paulo, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. Cortez, 2ª edição. Campinas – SP, 1993.

LOBO, Luiza. *Palavras da Crítica: Tendências e Conceitos no Estudo da Literatura*. Capítulo: Leitor.

LAJOLO, Marisa – ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. Ática, 2ª edição. São Paulo, 1998.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação*. Ática, 3ª edição. São Paulo, 1987.